

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio Hermano

DA

Direcção do Collegio Vimaranes

DE

S. DAMASO

Redacção
• Administração:
Collegio
de S. Damaso
Guimarães

Anno 600 rs.

Os artigos
aqui insertos são
da responsabilidade
dos signatarios

Os originaes devem
estar na redacção
até o dia 20 de
cada mez.

Summario — Labaro da minha fé, *Padre F. J. Patricio* — A locomotiva e o templo, *P.º Antonio Hermano* — O estudo (poesia), *A. Moreira Bello* — O jornalismo, *João Mario* — Poemetos, *Henrique Gomes* — A religiosidade peninsular, *João Mario* — Boletim do Collegio.

BOLETIM DO COLLEGIO

O Collegio

Accentuou-se tambem este anno a prosperidade do collegio de S. Damaso.

A frequencia elevou-se a 160 alumnos internos, tendo sido de 130 o numero maximo do anno lectivo findo.

Houve portanto um extraordinario movimento de entradas: a 60 se elevaram ellas.

Encontramos a causa primaria d'este incremento de frequencia no aproveitamento de que os collegiaes de S. Damaso deram provas nos exames de junho.

Ora as familias querem ver os fructos de seus sacrificios d'ahi o acudirem onde o trabalho se manifesta zeloso.

Faremos tudo para que a expectativa não saia illudida: continuaremos n'esta batalha da sã educação pedindo á vontade muita energia e á consciencia uma noção muito exacta do nosso dever para que da vida por vezes dura, tremos quanto humanamente se puder tirar. Estes jovens

confiados á nossa direcção são um capital sagrado de que as familias, usurarias por dever e por amor, pedem um grande juro — a sciencia e a educação —. Com o auxilio de Deus paga-lo hemos.

Obras

Actualmente procede-se no collegio a obras que proporcionarão espaço para mais 40 alumnos.

A «Crença & Letras»

Aos snrs. assignantes da «Crença & Letras» pede a redacção que lhe seja relevada a demora havida na publicação dos n.ºs 9 e 10 da corrente serie. Embaraços imprevistos a occasionaram. Querendo Deus, haverá d'aqui em diante maior regularidade.

A distribuição de premios

Realizará-se no dia de S. Damaso, 11 de dezembro, á noite. Não será a festa revestida da pompa que teve nos dois ultimos annos por o não permittirem as obras a que se está procedendo no collegio; mas nem por isso deixará de ser muito attraente. Será uma festa mais intima.

Eis as linhas geraes do programma: Abrirá a solemnidade o hymno do collegio. Em seguida um dos dignos professores discursará sobre algum tema adquadro ao acto.

Haverá um certame litterario em que cada aula se fará representar.

Varios alumnos recitarão poesias ou pequenos discursos.

O que melhor se avier receberá um premio artistico.

Nos intervallos a estudiantina do collegio executará varios trechos musicaes.

O ex.^{mo} presidente distribuirá os premios.

Constarão de medalhas de prata.

O que mais se tiver distinguido nas provas dadas no Lyceu receberá uma medalha d'ouro.

Serão premiados os alumnos que em todo anno lectivo passado tiverem tido sempre nota de distincção, que é de 15 para cima, e os que obtiveram distincção nos exames.

A direcção do collegio não fará convites especiaes.

Associação de S. Luiz

No dia 28 de outubro realisoou se a sessão mensal d'esta associação.

Foi a primeira d'este anno lectivo, e por isso mesmo cheia de interesse e enthusiasmo. O m. d. Presidente Nato depois de breves considerações sobre a fim d'esta Associação mandou ler os seus estatutos, para dar aos novos socios conhecimento dos seus direitos e deveres.

Usaram da palavra varios socios, que em tudo o que disseram, mostraram bem o interesse, que tomam pelo engrandecimento da sua Associação. O socio Domingos da Costa em breves mas correctas palavras congratula-se por ver novamente reunida esta assembleia e dirige rasgados

elogios á mesa directora. O socio Antonio Coutinho propõe, que, seguindo o exemplo dos annos passados, se abra uma subscripção para adquirir uma prenda, que fique como memoria da gerencia do anno corrente.

Lembra por isso a aquisição d'uma banqueta para o altar de S. Luiz.

O socio Seraphim propõe, que seja nomeado secretario honorario o ex-secretario Aguiar pelos relevantes serviços prestados á Nossa Associação.

E' combatida pelo socio Henrique Gomes, que entende dever rejeitar-se esta proposta para não suscitar melindres e abrir uma regra, que viria a causar embaraços á Associação. Posta á votação ficou prejudicada.

O socio Peixoto Morêira dirige palavras de felicitação ao seu consocio Henrique Gomes, pelo seu restabelecimento.

O m. d. Presidente Nato propõe, que se mande dizer uma missa por alma do fallecido socio Francisco Cunha e propõe mais, que, para prevenir casos identicos, se addicione aos estatutos um artigo, em que se determine, que esta Associação mandará dizer 30 missas por alma de qualquer socio logo que tenha noticias do seu fallecimento. Foi approvada.

Não podemos deixar de registar aqui o amor, que todos os socios dedicam á sua Associação, trabalhando sempre com enthusiasmo em tudo o que concorra para o seu florescimento. Igualmente notamos com prazer a correcção e desembaraço com que os socios se apresentam a falar em publico, fructo sem duvida d'esta tão sympathica Associação.

Alumnos que no mez de outubro obtiveram notas de distincção

EM MERITO MORAL

Domingos M. Fernandes
Manoel Antunes d'Azevedo
Amílcar Barea
M. José Martins
Alfredo M. da Silva
J. Peixoto d'Azevedo

Albino d'Azevedo Maia
 Serafim F. de Lima
 M. Lopes Leite de Faria
 Albano L. Leite de Faria
 Gonçalo L. Leite de Faria
 José Carneiro Leão Queiroz
 José Peixoto da Cunha Moreira
 Albino da C. Maia
 Antonio José Henriques Coutinho
 Fernando Mendes de Vasconcellos
 Antonio Baptista de Pinho
 Albano Gustavo de Mesquita Cirne
 José Sumavielle
 Manoel Francisco Sol
 Arnaldo Vieira Neves da Cruz
 Alberto Machado Sampaio Bastos
 Henrique Manoel de Miranda
 João Carlos de Miranda
 Alberto Ferreira Brandão Coelho
 José Constantino Oliveira Azevedo
 Antonio Antunes Machado Dias
 Abel de Mesquita Guimarães
 Manoel de Souza Moreira.

MERITO LITTERARIO

Altino da C. Maia
 João Monteiro de Meira
 José Mendes da Cunha
 Manoel Francisco Sol
 Abilio Antunes d'Azevedo
 Arnaldo Vieira Neves da Cruz
 Joaquim Terres
 Antonio Campos
 José Torres
 Henrique Manoel de Miranda
 João Carlos de Miranda
 Joaquim Carvalho Pinheiro de Lacerda
 José Constantino Oliveira Azevedo
 João Costa
 Serafim Fernandes de Lima
 Manoel Lopes Leite de Faria
 Antonio Peixoto do Amaral.

Fizeram exames em outubro e ficaram aprovados os alumnos seguintes :

Abel de Mesquita Guimarães—*Physica 1.ª parte.*
 Arcenio Jorge Guimarães—*Frances.*
 Alberto José M. da Silva Carneiro—*Historia.*
 Alberto Ferreira Brandão Coelho—*Inglez.*
 Alberto Ribeiro de Faria—*Inglez.*
 Alberto Ribeiro Jorge—*Historia.*
 Alfredo Mendes da Silva—*Frances.*
 Antonio Teixeira de Carvalho—*Inglez.*
 Aureliano Armindo d'Almeida S. Leite—*Historia.*

Casimiro Theodoro da Silva—*Portuguez e Frances.*
 Cypriano d'Oliveira e Silva Junior—*Inglez e Geographia.*
 Francisco Xavier Alves da Rocha—*Geographia.*
 José Bernardino d'Araujo Abreu—*Desenho 1.º anno.*
 José Mendes da Cunha—*Historia.*
 José Martins Gomes—*Frances.*
 José João Duarte Fortuna e Silva—*Frances.*
 José Peixoto da Cunha Moreira—*Geographia.*
 Manoel Bernardino d'Araujo Abreu—*Inglez.*
 Manoel de Castro da Silva Sampaio—*Geographia.*
 Manoel Joaquim da Cunha Gonçalves—*Portuguez.*
 Manoel Antunes d'Azevedo—*Historia. (Distincto)*

Alumnos que entraram este anno para o collegio

Abel de Mesquita Guimarães
 Albano da Silva Machado
 Alberto Ferreira Brandão Coelho
 Alberto Neves da Silva Marinho
 Alberto Ventura da Silva Pinto
 Alexandre Correa da Rocha
 Alexandre Martins da Silva Ramos
 Alfredo Guimarães
 Alfredo Monteiro Soares d'Oliveira
 Alvaro Ribeiro de Faria
 Antonio Antunes Machado Dias
 Antonio Baptista de Pinho
 Antonio de Barros Deveza
 Antonio Celestino da Silva
 Antonio Teixeira
 Antonio de Jesus Ferreira Leite
 Antonio Joaquim Cautella Junior
 Antonio Porto
 Antonio de Sousa Campos
 Arnaldo Augusto Gonçalves
 Aurelio Martins Machado
 Bento d'Almeida Soares Lencastre
 Carlos Augusto da Silva Monteiro
 Cypriano d'Oliveira e Silva Junior
 Delfim d'Oliveira Mattos
 Emygdio Balthazar de Sá Gonçalves
 Emygdio Teixeira Xavier de S. Guimarães
 Henrique Manoel de Miranda
 Henrique Neves da Silva Marinho
 Jeronymo Pinto Montenegro Carneiro
 João Carlos de Miranda
 João Evangelista de Mattos Teixeira
 João Pedro da Silva Bourbon
 João Rocha dos Santos
 João Vianna Corrêa
 Joaquim Carvalho Pinheiro Lacerda
 Joaquim Monteiro d'Oliveira
 Joaquim Machado da Silva
 Joaquim Peixoto d'Azevedo
 Joaquim Pereira da Costa
 José Aleixo da Costa Faria e Silva
 José Antonio dos Santos Guimarães
 José Constantino d'Oliveira Azevedo
 José Joaquim da Fonte
 José Leite da Cunha
 José Maria Portella Vidal
 José d'Oliveira e Silva
 Jesus Pinheiro Alves
 Julio Celestino da Silva

(Continúa)

CORPO DOCENTE
DO
COLLEGIO DE S. DÁMASO

Nos annos lective de 1894 a 1895



Instrucção Primaria

- Manuel do Sousa Abreu e Lima
 José Ferreira Marinho
 Guilherme José Peixoto
 P.º Firmino Antonio da Silva Bravo
 Portuguez
 P.º Firmino A. da Silva Bravo
 Francez
 P.º Domingos Dias de Faria
 Geographia
 P.º Hermano Amandio Mendes de Carvalho
 Inglez
 P.º Antonio Hermano Mendes de Carvalho
 Latim 1.ª parte
 P.º José Lopes Leite de Faria
 Historia
 P.º Antonio Hermano Mendes de Carvalho
 Physica
 P.º Firmino de Freitas Ribeiro de Faria
 Mathematica
 P.º João Machado da Silva
 Philosophia
 P.º Antonio Henrique Gomes
 Latim 2.ª parte
 P.º José Lopes Leite de Faria
 Literatura
 P.º Antonio Henrique Gomes
 Desenho
 P.º Firmino Freitas Ribeiro de Faria
 Musica
 Manuel Maria Martinó

LABARO DA MINHA FÉ

Vi te no sopé da montanha e á beira do aspero e mysterioso caminho da aldeia! Pesado granito que a espaços estavas bordado de musgo! Gigante que te erguias com os braços abertos, firme, aprumado e solemne!

E porque me fallavas do amor, da paz, da tolerancia, do sacrificio, do perdão, do progresso, da civilização e do infinito: conheci que eras um poema eterno, um cantico infinito, e escolhi-te e saudei-te e reverenciei-te como o labaro da minha fé!

Fallaste-me d'um Deus por nosso amor encarnado no barro da humanidade. Apontaste-me um meigo Redemptor, que dos espaços infinitos viéra e á eterna gloria voltára depois de provar o espinho das nossas dôres e supportar o fel da nossa miseria!

Memoraste-me aquelle dôce Jesus, que nasceu na miseria, viveu no trabalho e morreu no martyrio; aquelle dedicadissimo apostolo do Bem, que na miseria teve dôres, no trabalho teve luctas e no martyrio teve agonias, isto para deixar á miseria os balsamos da caridade, para legar ao trabalho os fóros d'um sacerdocio e para estabelecer no martyrio a apothese da gloria!

Tu, oh cruz! disseste-me tudo isto por um modo tão misericordioso e balsamizaste por tal fórma o meu coração, que eu cahi de joelhos deante de ti, fiquei á tua sombra!

E o que vi eu então? Que factos se desenrolaram á minha contemplação piédosa?...

Passavam os pastores conduzindo os rebanhos; passavam os operarios que vinham da officina e os agricultores que voltavam do campo, e todos te saudavam, porque tu és a benção eterna para os que luctam e mourejam na arena do trabalho e do sacrificio.

Era ao cahir da tardinha e uns noivos pararam no caminho; vieram sentar-se no teu granitico pedestal; fizeram

alli juramento de amor fidelissimo e de mutua lealdade; e tu fundaste um lar honesto, sanctificado e puro!

Uma noite, o céo estava ligeiramente tapetado por algumas nuvens; ouviram-se passos no caminho, vozes sinistras eccoáram no valle, mais proximo; uma briga desesperada se havia travado entre dois viaudantes e as laminas do criminoso aço já entreluziam vingadoras: n'este instante, as nuvens deixam a descoberto um espaço no horisonte, a lua distende um dos seus meigos raios até aos braços da cruz: os féros contendôres sentem-se desarmados e a Joelham reconciliados e constrictos!

Por uma d'essas manhãs perfumadas e gentilissimas d'um abril de rosas; quando o sol se ergueu sereno e bello por detraz da silhuêta do monte e desprende até á cruz os seus mais ternos raios, eu vi erguer-se o peregrino que dormira a tepida noite de paz tendo por cabeceira a pedra do pedestal em que a cruz se firma, e proseguir a jornada corajoso e cheio de fé. Com elle se levantava o mendigo, que alli viêra transformar as lagrimas em pão de conforto, e ainda o desditoso que buscára a serenidade, a resignação e a esperança, quando estas lhe escasseavam e o desespero o ia transportando para os horrôres do suicidio.

Depois de ter reconhecido os balsamos que a cruz deramava em tantas feridas e as consolações eternas que espargia em tantas afflicções, á maneira como o sol se erguia no espaço, eu senti na minha alma este vacuo enorme, esta sêde do infinito que conduz o homem pelo caminho do progresso e nas legitimas aspirações de realisar a civilização universal: então, e como por encanto reparei que os braços da cruz estavam estendidos, um em direcção á casa elegantemente construida junto do presbyterio — a casa da escola; o outro braço indicava uma chaminé d'uma importante fabrica — o progresso evidenciava-se pelo trabalho sanctificado, a civilização futura preparava-se pela educação e instrucção da infancia!

Aos sonhos mais bellos da gloria nas grandes conquistas da sciencia, da poesia e da arte, eu tive occasião de vêr

como tu, oh cruz, os realisavas, quando em cortejo triumphal vi passarem reconhecidas deante de ti as mais luzentes manifestações em que se tem engrandecido o espirito humano!

Quem se acolheu á tua sombra e reconheceu tão amplas benemerencias, jámais pôde afastar-se de ti, oh guia celestial da minha crêça! oh labaro eterno da minha fé!

Porto, 1894.

Padre J. F. Patricio.

A LOCOMOTIVA E O TEMPLO

O templo.— Onde vaes com furia tão vandálica? que insana vertigem te propulsa? não ves que deitas por terra aquella galharda cruz musgosa que encima o meu zimbório vetusto? Detem-te. Pára. A' sombra alma de minhas torres arrendadas que o firmamento beija, ao som glorioso de meus sinos cujas vozes suspirosas ou hilares pregoam o que de mais solemne tem a vida, sob a benção amiga de meus sacerdotes, ao abrigo carinhoso de minhas naves, de minhas altas arcarias, aos pés de meu Christo e de meus santos tu nasceste, locomotiva audaz e cruel, ingrata e impia. Respeita-me pois e desvia-te.

A locomotiva.— Não posso nem devo escutar-te ingenuo e velho templo. Foste a gloria hoje és a mumia!

Enleou-te de viço a era veludosa da fortuna, fulguraste como luzem os ceus estrellados, viveste uma juventude rica de louçanias, farta de risos, tumente de esperanças, alacre como as aves que fazem ninhos! Subiste alto e alto como altivos subiam os cedros no Libano! apertou-te muito n'um abraço d'amor o cortejo rumoroso dos povos extaticos de fé e lançou ás mãos ambas no teu soberbo escritorio o obulo magnífico. Tiveste tudo, o oiro luzente e as pedrarias faiscentes; e as artes bellas com afan de porfia choveram sobre ti a riqueza de suas galas.

Foste a gloria, a magnificencia, o prestigio. Reinaste

como reinam os despotas, á vontade, sobre o mundo ; mas qual estatua de Nabuco era de pôdre barro o pedestal de tua soberbia. Venci-te. O sceptro empunho-o hoje eu. Vou assentar o reinado immortal do progresso sobre as maravilhas de teu sonho.

O templo.—Meu Deus ! perdoa-lhe o desdem ignaro que silva n'aquellas palavras fatuas : como os que na cruz te pregaram mal sabe ella o faz : nunca ergueu as pupillas em flamma a esse ceu firmamentado : collea como serpe, de rastos, no chão. Some-se no ventre das montanhas, salva os precipicios temerosos, dobra e redobra os horisontes longinquos, mas não se balança ao alto nas azas candidas do ideal, no thuribulo da crença. Vê o solo que domina e colhe sob os rodísios, não fita os astros que ignora, não sente a onda de infinito que banha o universo. não te conhece meu Deus ! Como hei-de então fallar-lhe das benções de minha cruz, das virtudes de meus heroes, dos muitos beneficios que prodigas ? Não me comprehenderia, e rindo, iria vertiginosa, planicies além, gargalhando sarcasmos nos silvos duros de sua magestade.

A locomotiva.—Gargalho ? porque não ? rio-me d'alma ao ver-te, oh mumificado templo, lá em cima, na região phantastica que sonhaste, turgido de gloria vã, embebecido de ideaes infinitos, de espiritos eleitos e de côros angelicos, de tudo o que a morbidez do sonho cria a avulta. Rio-me de vêr-te a bambolinar na coma luzente das nebulosas e esquecido do mundo que te ampara. Sim, o mundo não é isso que nos inculcas na tua candura de velho, nem as formas feericas que rodopiam em tuas visões misteriosas. O mundo é este solo fertil que me vòta e foge sob os pés, são essas montanhas cujos visos olham continentes, são esses rios que catadupam frementes, são os bosques, harpas das ventanias, são as searas ondeantes e loiras, são as fabricas arfantes da vida, são as industrias que golgam a riqueza, o bem estar, a belleza, são as artes que magnificam os triumphos da civilisação, são as sciencias positivas e utilitarias. . .

O mundo é o telescopio que penetra os ceus profundos, é o microscopio que illumina o minimo, é a imprensa que

prolifera as ideias, é a electricidade — o raio aos pés do pensamento! — o telefono que anniquila a distancia, o phono-grafo que embalsama a palavra, o vapor veloz e possante, a bussola que advinha os roteiros. . .

O mundo são as universidades — Agoras e templos — os cogressos — parlamentos da confraternisação humana — os sabios — os generalismos da ideia — os livros — a grande Biblia d'hoje — o sentimento democratico — o abraço dos povos — a santissima liberdade — a Deusa suprema e bonnissima.

O mundo d'agora é isto, é a realidade: tu és o anochronismo stratificado, és a mentira.

A tua missão era desbravar a alma angulosa do homem-féra: cumpriste-a: vae-te.

O templo. — Sou velho, dizes, sou de sempre, e n'isso me defferencio fundamentalmente de ti que és nova e leviana como a mentira. A grande e incomparavel ideia que eu represento, o sentimento religioso que encarno nem por um momento deixou ainda de amparar a alma irrequieta da humanidade. Tenho seguido o homem desde que das mãos de Deus sahiu. Tenho guiado constantemente esse misterioso caminheiro pluri-secular, desde a barbarie aspera, desde a noite perdida das epochas prehistoricas, até ahi, até o alto viso da civilisação. Jámais pôde viver sem mim, sem a minha cariciosa luz. Abre, se queres, ao acaso, qualquer das tantas paginas de seus annaes: lá o encontrarás, sempre amparado a mim, como a enredia descança no tronco esbelto.

Fulmina-o a desgraça? refoje dorido ao meu ambito sanctissimo.

Beija-o a ventura? pendura grato do meu zimbório alto, os ex-votos de sua felicidade.

Nasce? de mim colhe a primeira caricia.

Morre? o balsamo da ultima consolação a mim o pede.

Une-se á esposa meiga? a benção dou-lh'a eu.

A patria periga? soluça no meu recinto o murmurio de muita prece.

Enrama-o a victoria? empaveza-me com as flamulas do triumpho.

A fome apavoro-o minaz? a mim me pede pão.

A sciencia? consagro-a.

A arte? inspiro-a.

A industria? o commercio? querem a minha egide forte.

A imprensa? a honra? a moral? a segurança publica? fenecem, se lhes não sanctifico o stratum que as alicercêa.

Tu mesma, locomotiva insensata, tu mesma dependes de mim: pode mais do que tu a dynamite, muito mais do que tu pode a não estuta do impio. O que já da alma arrancou o nome de Deus, mais facilmente arrancará as frageis linhas sobre que vaes tão magestosa, mais facilmente estilhaçará o teu coração de ferro, mais facilmente te sepultará nos abismos que salvas hora a hora. Sim, extincta a noção religiosa seria horrivel a humanidade: sem o vapor viveu ella seculos, e viveu bem.

A locomotiva. — Sim, solerte amigo, creio que não te esquecerás de lançar no estendal de tantas glorias e tantos amores, as paginas de sangue e dôr que muita vez traçaste com fereza nada celeste, pela historia além. Os gritos dos muitos que sacrificaste nas aras de teu aspero despotismo, ainda soam as maldições do desespero. . .

O templo. — Doe-me amargamente a tua perfidia. Como? Eu, a paz e o amor, a mansidão e a benção, e união e a caridade, eu de facho incendiario atizando o odio, a guerra, a morte, derramando o sangue da innocencia?

A locomotiva. — A historia é o reflector da verdade. . .

O templo. — Mas são os reflectores da mentira, muitos dos que a interpretam. Os que a estudam, sem terem por mentor o teu espirito impio, pódem talvez dizer que provocaram tempestades religiosas alguns dos que se emblemaram com o meu nome santo, mas jámais affirmarão ter partido de mim a furia que as desencadeou.

Mas. . . vae, caminha. Orphã de Deus ser-te-ha breve a vida. O proprio progresso prescindirá de ti: morrerás. Eu, de Deus nascido, serei eterno como elle.

O ESTUDO (1)

Amigos, para quem desponta a doce aurora,
Começa a primavera a navel a florir,
N'esta festa gentil, grata, commovedora,
Faça-se a minha voz fraterna e leda ouvir.

De jubilo hoje é dia; é gala que consola,
Esta que brilha a qui, pacífica e louçã :
Coroam-se os heroes da calma arena, a eschola.
Hoje esp'ranças, varões prestantes amanhã.

Porque n'ella do ensino o fecundante seio
Ministra da alma tenra o leite, o pão, a luz,
Do saber, da virtude o poderoso meio,
Que de um digno porvir á possessão conduz.

Todos têm cá lugar: se ricos sois e nobres,
Mais riqueza e nobreza a instrucção vos dá;
Thesouros immortaes, se em bens da terra pobres;
Se humil tes e pygmeus, vos engrandecerá.

Crua a sorte vos foi, roubando-vos o braço
Que vos devia ser amparo e dar amor ?
Aqui doce bondade abre vos o regaço,
Vindo-vos mitigar da orphandade a dor.

Oh jovens, bem-dizei, beijae, beijae commigo
De quem vela por nós a benfazeja mão ;
De quem, sabio, paciente e generoso amigo,
Derrama sobre nós as ondas da instrucção ;

E como é louca e vã e inutil a sciencia
Sobre que não refulge o alto faul da fé,
A' luz da religião nos fórma a consciencia,
Na virtude nos guia o inexperiente pé.

E acceptae o sincero e fervoroso preito
De intimos parabens, n'este acto festival :
Vão elles ecoar no vosso tenro peito
Como a vera expressão de affecto fraternal.

A. Moreira Bello.

(1) Poesia recitada a 11 de dezembro de 1922 por occasião da distribuição de premios aos alumnos do collegio de S. Damaso.

O JORNALISMO

Cancera-o uma decadencia lacrimosa. Nasceu rutilo como as auroras douradas, creceu pujante como os palmares, emquanto as suas esbeltas *columnas* tinham a rija conformação da verdade, emquanto vivido como a fé, batalhou ardidamente em prol de ideaes sinceros, de cruzadas santas; emquanto a penna inflammada de seus sacerdotes relampagueava reflexos de montante e se cruzava brava em prelios tersos. Então, como os cavalleiros medievas sahia sempre á liça a terçar por sua dama — a justiça. Inspirava-o antes e acima de tudo a imagem muito amada da Patria; por ella embebia o conto do gladio de fogo, no coração da iniquidade.

Por via tão gloriosa abriu o jornalismo a estrada que em seu arrebol caleou. Vae longe porém essa pujança nobre, essa estreia homérica. Para o recanto mais arcano arrumou já ha muito o pendão rico de seus ideaes soberbos. A' campa desceram os marechaes das grandes pugnas jornalisticas e com elles foi tambem o remontado da ideia e o aprumo grave e fidalgo da fórma. Succedeu-lhes o que ahi se estadeia a sollicitar a compaixão ou a gargalhada. A ideia iniqua e chata que ahi se alaparda sob uma linguagem vasconça, prenhe de pompas ou remengada e maltrapida, é o egoismo que tudo assoberba, que tudo enfeuda, que tudo corrompe: e o egoismo sempre!

Na alta estacada do jornalismo do nosso tempo já se não postam couraçados de fera energia os luctadores leaes e crentes que ou venciam coroados da justa immortalidade ou cahiam immaculados como martyres. Hoje se alguma voz sã ahi se levanta para lançar uma idéa que illumine a cerração, uma ideia que sacuda a consciencia e diga que nem tudo se reduz ao misero *struggle* do interesse, pobre d'ella! perde-se entre a vozeria dos que palmciam a needade elevada ao inverosimil. Hoje o que a miude n'essa estacada, outr'ora

quente de heroismos civicos nós vemos, é a arma curta da infamia a espreitar a honra dos incautos, é a fome do alheio açaimada sob mil hipocrisias, é a garra crispada de muitos cannibaes a firmar o salto sobre a propriedade, é...

Contemplem por um instante a multidão de periodicos que nos vem annunciando o pregão rouco dos vendedores.

São politicos quasi todos. Cada um é realejo de sua facção. Uns são a guarda pretoriana dos governos: applaudem sem condições quando surge das secretarias de Estado. Para estes falsificadores da opinião não existe a devoção civica nem o alto sentimento do patriotismo; ha exclusivamente a miseravel noção do partido: se este domina, triumpho, fardoneia a grei tão docil e inconsciente como o rebanho de Panurgio, que importa que a Patria tenha de passar ignobilmente sob as forcas caudinas da vergonha? que importa que o seu brazão augusto haja de cobrir-se de pesado luto? que importa que a ruina se avise minacissima?

O partido vence, domina, pompeia, abre as arcas aos seus devotos: eis tudo.

Outros, os mais, formam na ala bellicosa da opposição. Estes, como mastins, soltam o uivo longo da fome. Não ha um acto governativo que acareie uma tenue sombra de elogio ou respeito! nem um que não arcabuzem com artigos que escaldam! nem um que não baste a levar *urbi et orbi* o brasume da revolução. Todos os dias n'uma tediosa cega-rega despeja da guella fecunda a dança macabra do insulto! Dia a dia os lugendos emolos de Sisipho despenham de cima das columnas editoriaes a avalanche arrasadora de seu furor!

E o povo tantas vezes invocado, menos ingenuo do que o presumem, assiste ás cabriolas dos patriotas de circo, ri-se, mas não se commove. Compreendeu alfim o bom povo sensato, que tudo aquillo se apouca n'uma comedia buffa e que aquella tropel ribombante de palavras nada mais é do que

um episodio grotesco da lucta pela vida, um reclamo á propria bolsa.

E assim o jornalismo, que tinha a missão social mais grandiosa baixou á ignominia do mais raso desprestigio.

João Mario.

POEMETOS

O SOLDADO

IV

A noite ameaçava ser tempestuosa.

No espaço corriam apressadas nuvens negras.

Por entre a ramaria das arvores esfusiava um vento forte, do sul.

O regimento preparara-se á ordem de marcha.

Não havia alegria no rosto dos soldados.

Enfileiravam-se silenciosos, vagarosamente, adivinhando o que quer que fosse de muito triste.

Passaram-lhes revista; tudo em ordem.

Ouvia-se a voz do commandante, rufaram os tambores, e tudo se pôz em movimento.

A escuridão era para infundir pavor.

Não se ouvia voz humana.

Aquelles homens já não pareciam os que, algumas horas antes, na caserna, riam, a gargalhadas insultantes, da sensibilidade de Carlos; não pareciam os mesmos que, na tarde d'esse dia, alcoolizados, faziam gala da sua devassidão, chasqueando soezmente da vergonha d'alguns.

Teriam medo?

Maguaria-lhes o coração lembrarem-se de que iam combater com irmãos, frente a frente e, talvez, braço a braço?

Teriam saudades dos que deixavam, anciosos pela sua volta, oppressos pelo receio d'uma desgraça, vendo-os ir para longe e não conhecendo a estrella que os guiava?

A meio da viagem, a tempestade desencadeou-se brava e medonha.

A furia do vento reduplicára; tornara-se tufão.

Fortes aguaceiros vinham da banda do mar.

Relampagos allumiavam o espaço.

Ouviam-se estalidos metallicos.

A terra empapara se.

As enxurradas abriam algares na estrada.

Não havia ordem de descanço.

Para a frente, sempre, apesar de tudo — ordenára-lhes o commandante.

E marchavam, escorrendo agua, com calafrios.

Ahi pelo romper do dia, chegaram a um kilometro áquem do castello de Lapella.

Acamparam.

Levavam orden terminante de recuperar aquelle castello, custasse o que custasse; era uma posição sobremaneira vantajosa para os revoltosos.

A' noite, bivacaram mais nas proximidades do castello.

A tempestade passára, deixando atraz de si um rastro bastante desolador, e a noite estava luarenta.

Por entre as ameias do castello perpassavam vultos e brilhavam luzes.

Na barraca do commandante planejava-se o assalto do dia seguinte.

Nas tendas havia muito susurro.

Carlos não o pôde supportar; estava triste, como nunca, sentia o coração oppresso como nunca; faltava-lhe o ar, queria respirar, tinha um vulcão na cabeça.

O bivaque ficava a alguns metros do rio.

Dirigiu-se para lá.

A riba era fragoza.

A seus pés corria a agua revolta e cachoante.

Teve tentações de se despenhar; acabaria tudo.

O Anjo bom susteve-o.

Assentado na anfractuosidade d'un rochedo, scismou, scismou e, por ultimo, a dôr expandiu-se-lhes n'estas palavras :

— Meu Deus! Meu Deus! porque tam cedo provastes a minha firmeza? porque tam cedo me chegastes aos labios a taça do infortunio? Oh! bem travoso é o liquido que ella contém!

Será preciso sorvel-o até as fezes?

Hei de ainda amanhã brandir a arma fratricida?

Oh! não, nunca.

Quero voltar á minha aldeia, sereno, sem os cruciamentos do remorso, a passar a vida entre as doces caricias de minha mãe e os castos afagos da minha noiva.

Não receio os perigos do assalto nem as incertezas da victoria.

Nunca fui cobarde.

Mas ir-me defrontrar com filhos da mesma patria e ter de lhes apontar ao peito a arma que mata — isso é muito, é demais para as minhas forças.

Se eu pudesse tirar de sobre mim este fardo que me esmaga.

Se me fosse dado fugir, fugir para longe, tam longe que não me chegasse aos ouvidos o estampido das armas, nem me ferisse a vista o clarão das metralhadoras!

Mas, não; o soldado deve obedecer.

A' voz do commandante, deve marchar sem tergiversões, ousadamente, como um valente, embora o coração se lhe espedace de dôr.

E' a lei imperiosissima do dever.

Cumprirei-a.

Amanhã, á ordem de assalto, não serei dos da recta-guarda.

Encontrarei realentos na satisfação do dever cumprido.

O coração! o coração suffocar-lhe-hei os impulsos.

Assim, se a morte me não colher no campo da batalha, voltarei aos braços de minha mãe, sem levar a honra dene-

grida pela mancha da traição, nem a fronte ennegrecida pelo stygma da cobardia.

Assim, não córarei de vergonha ao passar por entre os meus irmãos de trabalho, nem serei apontado por elles como um indigno que não soube defender, ainda que fosse á custa do proprio sangue, a bandeira a cuja sombra combatia.

Assim, de frente erguida, orgulhoso do meu passado, poderei levar a minha noiva deante do altar, consociando-a ao usufructo da minha gloria.

Cumprirei a lei do dever.

Quando a honra manda, o coração deve calar-se.

Sinto-me melhor.

Diviso por entre os negrumes da saudade a imagem queridissima de minha mãe a abençoar-me por esta resolução.

Minha mãe, minha mãe, como eu sinto o coração arrastar-me para vós!

Com que saudade eu me lembro d'aquelles teus sorrisos tam meigos, que sempre tinhas para mim, quando eu voltava do trabalho, o rosto coberto de suor, os membros esfalfados, mas alegre e satisfeito por trazer o pão nosso de cada dia!

Como eram bellas, como passavam depressa aquellas tardes, ao Domingo, quando nós, conversando sempre, iamos ver as novidades que Deus nos dera!

Tudo isso ha de voltar, ó minha mãe.

Aiuda tudo ha de sorrir para nós, como n'outros tempos menos borrascosos.

Como eu hei de ser feliz, de novo nos teus braços!

Como eu anceoio pelo fim da guerra!

Tu, tu que és uma santa, pede, pede á Virgem por mim.

O teu filho vae entrar amanhã em combate, e quem sabe a sorte das armas?

Vem, vem-me cobrir com o manto do teu amor.—

As lagrimas inundavam-lhe as faces.

O coração presagiava-lhe coisas muito tristes.

Encaminhou-se a passos lentos para o acampamento.
 Apagaram-se as fogueiras e reinava profundo silencio.
 Sentinellas velavam, de arma ao hombro.

O castello, muito negro, projectava a sua sombra na
 claridade espelhenta do luar.

Não se enxergava viv'alma.

Aquelle silencio de tudo era prenuncio de grande tem-
 pestade, era como uma condensação de forças que em breve,
 activando-se, haviam de abalar a terra.

Ao repontar da aurora soaram as cornetas.

Houve um subito abalo em todos os corações.

Chegára a hora do combate.

Collegio S. Damaso

Henrique Gomes.

A RELIGIOSIDADE PENINSULAR

A religião não é a paixão dos portuguezes, nem de
 quantos habitam áquem Pyreneos. As populações ibericas
 não são religiosas por instincto apaixonado como as raças
 do oriente, berço do sol e da imaginação, patria dos viden-
 tes, centro perennal de tantas convulsões religiosas, que
 d'onde a onde, d'alli irradiam como de seu foco, expandindo-
 se pelo orbe como violentas procellas.

Portugal ou Hespanha não geraram no seu seio fecun-
 do, Budda ou Confucio, Mahumet ou Ario, Eutyches ou
 Nestorio. Não surgem por cá esses homens de fogo, raça de
 illuminados, que vôm á regeneração social e apostolisam a
 guerra sancta.

E' certo, ainda assim, que n'esta bella Peninsula, ba-
 nhada em doirados e quentes effluvios de luz meridional,
 temos visto estrellas de brilho peregrino a despontarem, o
 céo da crença. Floresceram n'ella espiritos escol da rija tem-
 pera de Santo Ignacio e S. Francisco Xavier, campeões

athleticos que arcaram peito a peito, um, contra a mais violenta tempestade religiosa que estalou no seio da Egreja; outro — o ardente apóstolo das Indias — alqueivou para o catholicismo um rico alfôbre, arvorando a cruz sobre os pagodes do Indostão.

Houve tambem mysticos do mais subido quilate depurados na fragua da fé mais ardente, cuja vida desde a aurora do berço até ao crepusculo da valla tumular, foi uma prece perenne e infinda, um extasis d'amor por Jesus, um suspiro ardentissimo pela anciada patria d'alem-campa: taes foram, Santa Thereza de Jesus e S. João da Cruz que realizou o ideal sublime da perfeição christã.

Mas á parte estas gloriosas excepções, á parte esses espiritos amassados em amor celeste, que em si encarnaram heroicamente a idea catholica, e a levaram á mais pura realisação, attingindo os visos da ingreme montanha do sacrificio, onde vemos nós aqui emergir acima da craveira commum, um caudilho, abrasado e incendiado por uma idea religiosa, e cuja voz poderosa tenha vibrado de quebrada em quebrada, de vertente a vertente e de mar a mar? Falla-nos acaso a historia d'alguma revolução religiosa exclusivamente peninsular? Onde vemos nós aqui aquelle fervôr jurado nas dobras d'uma bandeira estremecida, pela qual se vôe ao campo da peleja a vasar gota por gota todo o sangue que nas veias pulsa? hemos visto por ventura aqui aquelle entusiasmo febril, sentido, energico, duradoiro e audaz, tão caracteristico dos christãos dos primeiros seculos e dos crentes do propheta de Medina?

A onda d'agarenos que alagou os plainos d'Hespanha fazendo ruir o vacillante throno de Roderico nas ribas do Chryssus, não logrou implantar no animo dos godos vencidos, o mesmo intraduzivel vigôr, que os transfigurava em heroes agrupando-os á roda do Crescente. Mais tarde, os filhos do deserto, quando batidos pelas nações christãs que embrionaram nos alcantis das Asturias, arrearam das mesquitas a meia lua e recolheram ao deserto que os havia golgado, levando comsigo a sua fé tão vivida e tão ardente

como o sol que cresta os immensos arcaes do Sudan. E os filhos da Hespanha ficaram como sempre, ora incendiados em fremitos fugazes d'amor pelo Nazareno, ora nos braços flacidos da mais fria e inerte indifferença, tal qual o vae-vem do Oceano, que agora se rasga em insondaveis abismos e volve rolos gigantes d'agua afluada por grinaldas d'espuma, e logo se aquieta e amansa placido e sereno, como o leão da floresta aos pés do domador.

A religião dos peninsulares e especialmente dos portuguezes, por via de regra, é superficial não profunda, ostensiva não intensiva, espectacular não sentida. O clima doce, o sol quente, o firmamento puro e a molleza dos costumes, tudo nos convida ao nirvana, tudo nos anesthesia moralmente. Somos em religião o que somos em quasi tudo; deixamo-nos deslizar nas aguas correntes adormecidos na inebriante fálua da mais compromettedora indolencia.

(Conclue).

João Mario.
